

Os “grandes acontecimentos” e o reconhecimento do presente

The historical events and the recognition of the present

Beatriz Marocco

Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950
Bairro Cristo Rei, 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil
bmarocco@unisinos.br

Angela Zamin

Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950
Bairro Cristo Rei, 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil
angelazamin@gmail.com

Felipe Boff

Faculdade América Latina. Rua Marechal Floriano, 889
Centro, 95020-370, Caxias do Sul, RS, Brasil
felipe.boff@americalatina.edu.br

Resumo. Este texto analisa a objetivização jornalística dos “grandes acontecimentos”. O conceito de “acontecimentalização”, imaginado por Foucault como o modo filosófico com que Kant se desvia da “desacontecimentalização” histórica, dá materialidade a um movimento de reconhecimento do presente inaugurado pela Filosofia, que pode ser evidenciado na cobertura de um conjunto de 18 jornais de referência sobre a eleição de Obama à presidência dos Estados Unidos em 2008.

Palavras-chave: acontecimentalização, poliedro de inteligibilidade, Obama.

Abstract. This article aims to analyze the journalistic objectivation of “great events”. The concept of “evenementalization”, imagined by Foucault as a certain manner which Kant described an event or a set of events, against the historic “de-evenementalization”, give materiality to an action of present recognition that could appear in the journalistic coverage of a set of 18 periodicals of reference on the victory of Obama to the presidency of the United States in 2008.

Key words: eventalization, polyhedron of intelligibility, Obama.

Introdução

Por sua complexidade ao ecoar o passado, romper com o presente e constituir-se devir futuro, um acontecimento pode se aproximar do “grande acontecimento”, com que Kant inaugurou um modo filosófico de reconhecimento e de crítica a certo elemento do presente. Tal tipo de acontecimento foi identificado por Kant no domínio geral do que se conhece por Revolução Francesa e, mais especificamente, na repercussão que teve no espírito dos homens que acompanhavam de longe, sem interesse, o desenvolvimento da trama. Este engajamento forneceu a prova do caráter moral e desinteressado dos jogadores, e mesmo que a Revolução trouxesse posteriormente um conjunto de catástrofes nunca visto na história, ainda assim o seu efeito sobre os espíritos teria sido positivo. Para Kant, segundo Zizek (2008), mais importante do que a realidade difícil do que se passava nas ruas de Paris foi a reação que os franceses provocaram nos observadores de toda a Europa. A Revolução também despertou entusiasmo em lugares remotos, como o Haiti, onde desencadeou outro acontecimento histórico: a primeira revolta de escravos negros que lutaram pela plena emancipação. O momento mais sublime da Revolução Francesa, segundo Kant, ocorreu quando a delegação do Haiti visitou Paris e foi recebida na Assembléia Popular.

Nas reportagens que escreveu sobre o Irã para o jornal italiano *Corriere della Sera*, sobre o período que ficou conhecido no Ocidente como “Revolução Islâmica”, Foucault (2008) deslocou a atitude crítica de Kant de reconhecimento do presente da esfera da Filosofia e dos filósofos ao jornalismo e, mais concretamente, à reportagem. Os jornais já haviam sido sugeridos por Kant (2008), em texto de 1784, como uma via para o “erudito” fazer uso da “razão pública”. Foucault marcará a associação do intelectual ao jornalista no que chamou “reportagens de ideias”. No âmbito do jornalismo, Foucault vai poder assistir “ao nascimento das ideias e a explosão de sua força” e reportar no jornal o que era silenciado no Ocidente sobre o Irã (Eribon, 1990, p. 262).

No final de 2008, quando da eleição de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos, Zizek alinhou a vitória à Revolução

Francesa, porque reconheceu no acontecimento “indício de algo mais” do que um mero deslocamento dos fatos políticos que se resumem às eternas lutas parlamentares pela maioria, cheias de manipulações e cálculos pragmáticos. A conquista de Obama gerou entusiasmo universal. A TV mostrou imagens do povo nas ruas no mundo inteiro, desafiando o “cínico paradigmático” que ainda acredita que tudo na vida passa pela tríade consumista “poder, dinheiro e sexo”, ou seja, que os princípios e valores morais na sociedade contemporânea não são mais do que frases vazias e sem importância. O que os cínicos e as suas leituras cínicas¹ do êxito de Obama não viram, segundo Zizek (2008, s/p), “é a própria ingenuidade da sabedoria cínica que ignora o poder das ilusões”.

A razão da vitória de Obama ter gerado tanto entusiasmo não é somente o fato de que se produziu contra tudo o que era esperado; mais do que isso, com ela se demonstrou a possibilidade de que algo assim ocorra. O mesmo vale para todas as grandes rupturas históricas (Zizek, 2008, s/p).

O que se convencionou chamar de Acontecimento Obama se desvia dos usos do jornalismo que ocuparam Kant e Foucault e que evidenciam o desejo do filósofo de expor publicamente ao mundo as suas próprias ideias e algo que se insinua no nível das práticas midiáticas como uma espécie de contrajornalismo. O que foi materializado pelos jornais sobre a vitória de Obama não poderia ser diretamente relacionado a nenhuma das duas experiências realizadas no âmbito dos jornais, mas certo parentesco com ambas nos levou a formular uma terceira via de objetivação discursiva do acontecimento: na cobertura de grandes acontecimentos, pelo sentido histórico e valor-notícia que esses possuem, ocorre um rompimento com um modelo jornalístico enunciado pela clássica pirâmide invertida.

Às vésperas de mais uma eleição estadunidense, na qual Obama é candidato à reeleição, interessa retomar a vitória de 2008 e analisar como este acontecimento é materializado pelo jornalismo e como em sua complexidade, enunciada em um “poliedro de inteligibilidade”, pode contribuir para uma reflexão crítica sobre as práticas das mídias jornalísticas.

¹ Em seu texto, publicado no *Clarín*, Zizek (2008) afirma que a leitura cínica do êxito de Obama culminou com a sarcástica afirmação de Chomsky de que Obama é um branco escurecido por algumas horas de sol.

Os grandes acontecimentos

Por seu valor de signo de uma causa permanente, pela amplitude que ocupa no espaço e no tempo e por sua interferência no “real”, no mundo das coisas vividas, os “grandes acontecimentos” demonstram a inevitabilidade da ruptura com o que já não se suporta mais e do progresso, em seu sentido kantiano, como uma disposição moral da humanidade para a mudança. São acontecimentos que ecoam o passado, provocam ruptura com ele, interferem no presente e se projetam no futuro em sua potência de devir. Em um texto de 1789, ao se perguntar se a humanidade estaria destinada a progredir constantemente para uma posição superior, Kant afirmava que:

Importa, pois, indagar um acontecimento que aponte, de modo indeterminado quanto ao tempo, para a existência de semelhante causa e também para o acto da sua causalidade no gênero humano, e que permita inferir a progressão para o melhor, como consequência inelutável, inferência que, em seguida, se poderia estender à história do tempo passado (de que se esteve sempre em progresso); porém, de maneira que aquele acontecimento não se deva olhar para a sua causa, mas somente como indicativo, como sinal histórico (Signum rememorativum, demonstrativum, prognosticum), e poderia, por isso, demonstrar a tendência do gênero humano, olhada no seu todo (1798, 1993, p. 101).

Em sua leitura de Kant, Foucault reconhece que o sentido da Revolução Francesa, o que a distingue como um signo de progresso à medida que ecoa o passado no presente que lhe corresponde e repercutirá no futuro, não é o que pensam os atores principais, os agentes ativos da revolução em si, mas sim uma disposição moral da humanidade que a assiste como um espetáculo, não como uma gesticulação dos que naturalmente serão protagonistas da História (Foucault, 2008, p. 9-10).

Zizek (2008, s/p) inscreveu a vitória de Obama à presidência, em 2008, na linhagem da Revolução Francesa:

La victoria de Obama se inscribe en esa línea, no en la oscura búsqueda de raíces premodernas “auténticas”. En ese sentido, es un indicio de la historia en el triple sentido kantiano de signum rememorativum, demonstrativum, prognosticum, un indicio en el que resuena la memoria del largo PASADO de esclavitud y la lucha por su abolición; un hecho que AHORA demuestra un cambio; una esperanza de logros FUTUROS.

Mais concretamente, a vitória de Obama ressoa a memória do passado de escravidão e as lutas pela abolição e contra a segregação racial; demonstra igualmente a sensibilidade de nossos tempos e a esperança de conquistas futuras. Segundo Zizek, o povo saiu às ruas para comemorar a vitória de Obama contagiado pelo mesmo entusiasmo universal que espalhou os efeitos da Revolução Francesa pelo mundo.

¿Acaso la victoria de Obama no generó el mismo entusiasmo universal en el mundo entero? ¿La gente no bailó en las calles desde Berlín hasta Río de Janeiro? El escepticismo del que daban muestras a puertas cerradas incluso muchos progresistas preocupados (¿y si en la privacidad del cuarto oscuro reaparecía el racismo que se negaba en público?) quedó desmentido (Zizek, 2008, s/p).

Desde que postulou a candidatura democrata à presidência dos EUA, de vitória em vitória, Obama emitiu física e discursivamente um conjunto de sinais de que seu corpo e sua alma tinham pouco a ver com expressões como “tolerância zero”, “waterboarding” (método de interrogatório que simula o afogamento), “unilateralismo belicista”, “bolha imobiliária”, “crise financeira”, entre uma panóplia de metonímias, multiplicadas pela mídia, que foram atribuídas direta ou indiretamente às ações político-administrativas da dupla Bush-Che-ney no período 2001-2009.

Filho de imigrante, com um nome de origem árabe, que poderia aproximá-lo por antonomásia à principal figura do pesadelo norte-americano; amigo de gente como Jeremiah Wright, o reverendo irreverente que falou “verdades inconvenientes” após o 11 de setembro; com pouca experiência na política; e negro – seu pai, como reconheceria no discurso de posse, em janeiro de 2009, há 60 anos foi barrado em lugares públicos, como muitos outros negros, pela cor da pele.

Kant, Foucault e o jornalismo

Kant (2008, p. 12), ao defender que os “eruditos” devem expor publicamente as suas ideias ao “grande público do mundo letrado”, deixou pistas de que considerava o jornal um instrumento necessário para esse exercício. No opúsculo “O que é a Ilustração”, publicado em 1784 no periódico alemão *Berlinische Monatschrift*, parece estar sugerindo que no uso da “razão pública” os “eruditos” fizessem o mesmo que ele para que o pensamento livre repercutisse “pouco a pouco no sentir do povo

e até nos princípios do Governo², que já acredita ser compatível dar ao homem, que é algo mais do que uma máquina, um tratamento digno dele”.

Nas reportagens que Foucault fez no Irã em 1978, que dão consistência ao conceito de “reportagens de ideias”, é possível verificar que a proximidade entre o intelectual e o jornalista pode distanciar a produção jornalística dos princípios da informação (novidade, brevidade, clareza e ausência de qualquer correlação entre as notícias), que aspira à “verificação imediata” e precisa ser compreendida “em si e para si” (Benjamin, 1996, p. 203). No Irã, o jornalismo não se apresenta como domínio fechado do profissional de imprensa que reserva incursões pontuais à atuação do intelectual e nem o intelectual se distancia de um saber considerado plebeu; há uma conjunção de ambos em um primeiro nível e certa permeabilidade entre o que Foucault escreverá nos jornais e em seus livros.

Foucault aproveita-se do tempo jornalístico, das práticas, dos processos de produção, transcende o modo de fazer enquanto este se pauta pela norma. Na série de reportagens que realiza no Irã, Foucault estende a indagação “o que está acontecendo com nosso presente, que não chega até nós?” em torno das questões silenciadas tanto pelos relatórios oficiais das instituições como pela imprensa, na França, no primeiro caso, ou no Ocidente em geral, no segundo. São os mecanismos de poder (que contrapõem o idealismo kantiano à crítica benjaminiana em relação à informação) que mantêm essas regiões escondidas que seguem sendo o alvo da sua intervenção.

Quando se torna alvo de uma série de ataques da intelectualidade francesa por seu envolvimento no Irã, Foucault escreve dois ou três artigos em que descreve a sua ação de jornalista. Explica que se interessou pelo processo coletivo resumido por ele no termo “espiritualidade política”, ou seja, por “uma história sonhada que era tão religiosa quanto política”. A espiritualidade, à qual se referiam aqueles que se insurgiram e que escolheram morrer por uma causa, segundo Foucault (2006b, p. 79), não poderia ser reduzida ao que veio depois, com o “governo sangrento de um clero fundamentalista”.

Acontecimentalização e a análise do acontecimento

Já no século VI a.C. Platão estudou certa classe de poliedros, que, posteriormente, foi denominada de poliedros de Platão ou platônicos, entre os quais se incluem os regulares. Platão associou esses poliedros a elementos da natureza: o tetraedro seria o fogo; o cubo, a terra; o octaedro, o ar; o icosaedro, a água; e o dodecaedro, o universo. Os poliedros, regulares e irregulares, convexos e não-convexos, são objetos topológicos cuja estrutura é marcada por um número ilimitado de faces e arestas.

Também no campo da Filosofia, Foucault o objetiva como “poliedro de inteligibilidade” por possibilitar que se construa, em torno do acontecimento singular, uma análise polimórfica, dado os elementos que são postos em relação, as próprias relações e os domínios de referência. Isso porque o “número de faces não é previamente definido e nunca pode ser considerado como legitimamente concluído” (Foucault, 2006a).

A estrutura do “poliedro de inteligibilidade”, pela presença de lados que se expandem indefinidamente em muitas direções, revela um procedimento metodológico de captação e produção de sentidos e análise do acontecimento, em que ao jornalista/filósofo cabe tomar conjuntos de discursos para deixar emergir as conexões entre os mecanismos de coerção e conteúdos do conhecimento (Foucault, 1990). Um conjunto de procedimentos com que Foucault (2006a, p. 341) pretende se distanciar dos historiadores que “não gostam muito dos acontecimentos e fazem da ‘desacontecimentalização’ o princípio de inteligibilidade histórica”.

O poliedro possibilita compor, decompor e recompor acontecimentos, a partir do(s) ângulo(s) de entrada. Aí reside a riqueza, desencadear inúmeras possibilidades de compreensão da realidade. Transposto ao jornalismo, o “poliedro de inteligibilidade” pode auxiliar tanto na produção dos acontecimentos como na compreensão de como os acontecimentos discursivos se engendram, acionando e revelando uma rede discursiva que lhe é anterior e exterior. Para Foucault (1990), a análise dessas tramas busca reconstituir as condições de aparição de uma sin-

² No texto, Kant refere-se particularmente à época de Frederico, “um príncipe ilustrado” que rompeu com os grilhões da tutela e deixou cada um em liberdade para que se servisse de sua própria razão no que se refere à religião.

gularidade, a partir de múltiplos elementos determinantes, considerando que não é na natureza das coisas que se poderia encontrar o sustento, o suporte dessa rede de relações inteligíveis, é a lógica própria de um jogo de interações com suas margens sempre variáveis e de não certeza.

Nos domínios foucaultianos, o modelo topológico do poliedro serve metaforicamente à análise dessa rede de relações sociais que não constitui um plano único. São relações que estão em mobilidade, em meio ao que reconduz o mesmo processo e ao que o transforma, mas sempre no plano da análise. Neste sentido, acontecimentalização nos parece ser o procedimento foucaultiano no Irã e o modelo utilizado por ele no processo de produção das reportagens, para dar consistência à investigação do jornalista que “assiste ao nascimento das ideias”, embora isso não tenha sido reconhecido.

Obama e os jornais

Que figura é esta que os jornais construíram para apresentar o Acontecimento Obama? Poder-se-ia dizer que o jornalismo procede ao reconhecimento do que está acontecendo na sociedade em suas múltiplas arestas, ou o que se apresenta como uma figura de inteligibilidade não passa de uma “pirâmide jornalística”, limitada em seus três lados pela cobertura superficial do acontecimento, que se resume à superfície da atualidade: esfuma a figura do povo, centrando-se nas informações elementares e nas fontes proeminentes, nas versões das autoridades que, como os revolucionários, participaram diretamente no campo de batalha, ou nas articulações políticas, sem, contudo, aderir ao entusiasmo popular, indicativo do signo de um movimento social de ruptura?

É com o objetivo de identificar a figura esboçada por jornais de referência acerca do Acontecimento Obama que se delinea a análise. A composição da amostragem considerou jornais de referência. Vidal Beneyto (1986) aponta-nos três características básicas: ser imprescindível para os outros meios de comunicação; possibilitar a presença e a expressão de grandes líderes políticos e de instituições sociais e associações representativas; e servir externamente de referência

sobre a realidade local. Ao mostrar “quais são e como operam não os diários de maior circulação, mas os que mais influência têm sobre a opinião pública de seus países”, Molina (2007, p.10) aponta como características: relevância; hierarquia da informação; interesse por questões internacionais; diagramação cosmopolita; o fato de serem lidos por uma elite formadora de opinião; e respeito ao leitor.

Do agrupamento realizado por Molina (2007), a amostragem traz os jornais estadunidenses *The New York Times*, *The Wall Street Journal*, *The Washington Post* e *Los Angeles Times*; o canadense *The Globe and Mail*; os europeus *El País*, da Espanha; *The Guardian*, da Inglaterra; e *Corriere della Sera*, da Itália. Sousa (2002) nos auxilia na escolha de um jornal português, o *Público*. Propomos mais um agrupamento, o dos jornais latino-americanos de referência e entre esses os brasileiros. A análise considera o argentino *Clarín*; o uruguaio *El País*; o colombiano *El Tiempo*; o venezuelano *El Universal*; e o mexicano *Reforma*; e os brasileiros *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Correio Braziliense*.

Outra escolha realizada, a do recorte temporal, considera o anúncio da vitória de Obama, que ocorre em datas diferentes nesses 18 jornais – na América do Norte no dia posterior à eleição, 5 de novembro de 2008, e nos europeus e sul-americanos no dia 6. A análise considera apenas os textos das capas³ dos jornais que compõem a amostra.

Ao tomar os textos de capa para análise, o primeiro procedimento foi a separação de unidades redacionais – cartola, manchete, linha de apoio, chamadas secundárias e texto – com o propósito de identificar as distintas entradas que auxiliaram na construção do poliedro ao falar de Obama e sua vitória. A este movimento seguiram-se outros, de agrupamento de elementos do discurso que convergiam, com a finalidade de estabelecer as faces da figura, aqui, as grades de análise. Assim, identificamos cinco agrupamentos: características pessoais, contexto à época, referências históricas, eleição e projeção. Essas categorias ou *conjuntos de discursos*, ao mesmo tempo em que evidenciam as diferentes entradas dos textos analisados, permitem identificar cruzamentos e afetações de toda ordem, a seguir apresentadas.

³ Capas disponíveis no site www.newseum.org/todayfrontpages/flash/

A constituição da figura jornalística

Características pessoais

A grade de entendimento *Características pessoais* é a mais ampla da análise. Compreende seis aspectos inerentes a Barack Hussein Obama, que independem de sua condição de candidato à presidência – embora, naturalmente, tenham sido acionadas pelos jornais a partir do destaque alcançado na eleição. Os termos que guiaram a leitura são: *Afro-americano*, *Negro*, *Nome completo*, *Origem/Filiação* e *Muçulmano*.

Os termos *Afro-americano* e *Negro* foram, primeiro, observados isoladamente. Essa distinção decorre das variações de linguagem dos jornais, que ora optaram por apenas uma das palavras, ora utilizaram ambas. Numa revisão dessa leitura, associamos as duas palavras, já que na maior parte do material analisado elas foram usadas como sinônimo.

A citação do *Nome completo* de Obama pelos jornais também foi observada como marcação discursiva que enfatiza o caráter multiétnico do candidato. A *Origem/Filiação* de Obama corresponde à explicação de quem foram seus pais, de onde vieram e como e onde o criaram. A referência ao aspecto *Muçulmano*, presente como religião da terra natal do pai de Obama, o Quênia, e entranhada ao próprio nome do candidato, embora este seja cristão, foi outro aspecto observado.

Os itens *Negro/Afro-Americano* e *Ascendência/Filiação* estiveram mais em evidência. O primeiro foi o aspecto mais destacado pelas capas de jornais no relato do Acontecimento Obama. A questão racial ou da cor de pele – ambas apareceram indissociadas – foi enfatizada por 15 dos 18 jornais analisados, ou 83,3%. A maior parte das referências indicou o ineditismo de o presidente norte-americano ser *negro/afro-americano*, daí essa característica estar quase sempre acompanhada da palavra “primeiro”. Do conjunto, os diários norte-americanos e brasileiros foram os que mais ressaltaram esse aspecto.

Na Europa, os jornais observados preferiram o termo “afro-americano” a “negro”. O *Público*, de Portugal, não fez alusão a essa característica. O *The Guardian* (Figura 1) foi o único a chamá-lo de “negro”. O *Corriere della Sera* (Figura 1) referiu-se a Obama como “jovem senador afro-americano”, mas usou a palavra “negro” em uma das chamadas da cobertura, remetendo à época do racismo: “Quando era lícito linchar os negros”.

A América Latina (exceto Brasil) foi a região que menos destacou o aspecto de Obama ser negro/afro-americano. Das cinco capas, duas não fizeram menção a essa característica, a do *Clarín* e a do *El Universal*. No Brasil, os quatro jornais observados destacaram o fato de Obama ser “negro”. A *Folha* ressaltou na linha de apoio que Obama é o “primeiro presidente negro”



Figura 1. The Guardian, Reino Unido, e Corriere della Sera, Itália (06/11/2008).

Figure 1. The Guardian, United Kingdom, and Corriere della Sera, Italy (06/11/2008).

Fonte: Newseum – www.newseum.org/todaysfrontpages/flash/

dos EUA. O *Estado* referiu-se a Obama como negro indiretamente na chamada “Vitória é celebrada como marco na luta dos negros”.

Ainda no âmbito das características pessoais, os jornais registraram a ascendência multirracial/multiétnica do presidente eleito. Em dez capas (55,5% da amostra) os textos reproduziram praticamente a mesma referência à filiação de Obama: “filho de uma branca do Kansas e de um negro do Quênia”. Nos EUA e Canadá, apenas o *The Washington Post* não fez referência à ascendência. Na Europa, a exceção foi o *Público*. No Brasil e no restante da América Latina, a situação se inverteu: os jornais que destacaram a questão da filiação de Obama foram minoria.

Contexto à época

A grade de entendimento *Contexto à época* se constitui de três aspectos principais da atualidade que, nos textos jornalísticos observados, são relacionados ao Acontecimento Obama: guerras, crise econômica e terrorismo. Utilizamos ainda, como auxílio à leitura, a genérica categoria “outros”, com a finalidade de verificar se haveria aspectos a serem considerados na análise, o que não se confirmou.

Essa grade refere-se ao reconhecimento do presente feito pelos jornais em torno do Acontecimento Obama. Nela, destacaram-se os aspectos *crise econômica e guerras*. A crise apareceu

em 11 capas, ou 61,1%. A maior ênfase foi dada pelos jornais da América do Norte e do Brasil. Destes, o *Los Angeles Times* e *O Globo* não fizeram referência à crise. Dois jornais deram maior destaque: *The Wall Street Journal* (Figura 2) ressaltou a crise na linha de apoio – “turbulência na economia domina preocupações dos votantes” – e em uma chamada; *The Washington Post*, sob a cartola “Como ele venceu”, chamou para “Resposta calculada para a crise financeira selou eleição”. No Brasil, o maior destaque foi do *Estado* (Figura 2), na manchete “Obama começa a escolher equipe para enfrentar a crise”. Na Europa, a crise foi citada por dois dos quatro jornais observados. Na América Latina (exceto Brasil), somente dois dos cinco jornais citaram a crise na capa.

O segundo aspecto, *guerras*, foi citado em sete das 18 capas, ou 38,8%. Na América do Norte, a questão foi abordada por três dos cinco jornais: *The New York Times* citou, no texto, a “desastrosa guerra no Iraque”; *The Wall Street Journal* mencionou a promessa de Obama de “terminar a guerra no Iraque e retirar as tropas rapidamente”. Na Europa, somente o *The Guardian* abordou esse aspecto, lembrando, no texto, que os EUA são “um país em guerra no Golfo”. Na América Latina (exceto Brasil), apenas o *El Tiempo* se referiu à questão, afirmando que entre os “enormes desafios” estão as “duas frentes de guerra no Iraque e no Afeganistão”.



Figura 2. New York Times, EUA (05/11/2008), e O Estado de S. Paulo, Brasil (06/11/2008).
 Figure 2. New York Times, USA (05/11/2008), and O Estado de S. Paulo, Brazil (06/11/2008).

Fonte: Newseum – www.newseum.org/todaysfrontpages/flash/

Referências históricas

A grade *Referências históricas* permite observar o rastro de acontecimentos passados que, na visão dos jornais, ancoram o Acontecimento Obama. Indica ainda uma série de atualizações efetuadas pelo discurso jornalístico. A leitura dessa grade foi realizada em quatro categorias: *Martin Luther King*, *Outra personalidade histórica*, *Questões raciais* e *Outros episódios históricos*. O segundo e o quarto tópicos, como na grade anterior, foram instaurados para verificar a incidência de personalidades/episódios diversos dos principais. Em *Personalidades*, a diversidade é ampla: o ativista negro Martin Luther King – personalidade histórica mais associada à figura de Obama –; os ex-presidentes norte-americanos Abraham Lincoln, Bill Clinton, John Kennedy, Lyndon Johnson, Ronald Reagan e Theodore Roosevelt; o ex-candidato democrata à presidência John Kerry; o ex-presidente sul-africano Nelson Mandela; o escritor, professor e ativista negro Booker Washington e o boxeador negro Joe Louis. Em *Outros episódios históricos* os mais citados foram a Guerra Civil e a Grande Depressão.

As *Questões raciais*, que reúnem a série histórica de conflitos entre negros e brancos nos EUA, foram o aspecto mais destacado nessa grade. Aparecem em 12 das capas analisadas, ou 66,6%. O tema ganhou relevância nas capas

da América do Norte, da Europa e do Brasil, neste aparece nos quatro jornais observados. A *Folha* (Figura 3) trouxe a manchete “Vitória histórica de Obama afasta conservadores e derrota racismo”.

Na América do Norte, três dos cinco jornais fizeram referência ao tema: *The New York Times* deu maior destaque à questão racial, na manchete: “Barreira racial cai em vitória decisiva”; *Los Angeles Times* (Figura 3) enfatizou a questão no texto principal, afirmando que Obama “rompeu a última barreira racial”. Na América Latina (exceto Brasil), apenas dois jornais trataram da questão racial na capa, ambos sem muito destaque.

Eleição

Na grade *Eleição*, buscou-se identificar aspectos relativos ao processo eleitoral de 2008 destacados pelos jornais. Duas características despontaram: o *Caráter histórico* da vitória de Obama e o *Número recorde de votantes* da eleição. A primeira delas foi registrada com maior frequência e ênfase.

A maioria dos jornais classificou o Acontecimento Obama, em suas capas, como histórico. Ao todo, dez capas, ou 55,5%, distribuída pelas regiões observadas, traziam essa referência. Na América do Norte, apenas o canadense *The Globe and Mail* não fez alusão a esse aspecto.



Figura 3. Folha de S. Paulo, Brasil (06/11/2008), e Los Angeles Times, EUA (05/11/2008).
 Figure 3. Folha de S. Paulo, Brazil (06/11/2008), and Los Angeles Times, USA (05/11/2008).

Fonte: Newseum – www.newseum.org/todaysfrontpages/flash/

Na Europa, dois dos jornais referiram-se ao caráter histórico: *El País* (Figura 4) ressaltou em sua linha de apoio que “A comunidade internacional aplaude a histórica vitória de Barack Obama” e *The Guardian* anunciou, em uma chamada, a cobertura da “história de uma vitória histórica”.

Entre os sul-americanos, o caráter histórico apareceu no *El País*, em afirmações como “as eleições de terça-feira foram históricas” e “mais votado da história dos Estados Unidos” e no *El Universal* (Figura 4) em referência ao governo local que “qualificou como ‘históricas’” as eleições. No Brasil, a manchete da *Folha* foi “Vitória histórica de Obama afasta conservadores e derrota racismo”.

Projeção

A grade *Projeção* vem completar a linha de passado-presente-futuro traçada por boa parte dos jornais ao tratar do Acontecimento Obama. Sua leitura está dividida em três itens de maior incidência: *Novo/Mudança*, *Diálogo* e *Desafios*. O primeiro aspecto é uma fusão de características, abordadas desse modo por indicação do uso que os próprios jornais fizeram das palavras – além da aproximação semântica natural. Este item traduz a expectativa primordial, revelada pelos jornais a partir do Acontecimento Obama, de mudança em relação a Bush e a renovação da liderança política norte-americana.

O tópico *Diálogo* especifica uma projeção de estratégia de Obama, especialmente em relação a outros países. No item *Desafios*, os jornais tentaram antecipar as maiores dificuldades que se apresentarão ao novo governo.

O aspecto *Novo/Mudança* foi o mais significativo na análise. Aparece nas capas de nove jornais, ou 50%. A maior ênfase foi dada na Europa, onde os quatro jornais abordaram o tema. No *El País* a frase de Obama “A mudança chegou à América” foi manchete, enquanto o *The Guardian* enfatizou “A Nova América de Obama” e o *Corriere della Sera* “Obama mudará a América”.

Na América do Norte, apenas o *The New York Times* fez menção ao aspecto novo/mudança: “A promessa. Para muitos no Exterior, um ideal renovado”. Na América do Sul, *El País* (Figura 5) e *El Tiempo* fizeram o mesmo. O *Globo* trouxe a manchete “Mundo celebra a nova cara dos EUA”; a *Folha* na chamada “Brasil espera novo rumo na política externa”; e o *Correio Braziliense* (Figura 5), no texto, disse que a eleição de Obama “é celebrada como o início de um novo tempo”.

Considerações finais

A análise da cobertura da vitória de Obama na eleição presidencial de 2008 revelou-nos um fazer jornalístico assentado em uma oferta de múltiplas entradas (ou faces, na terminologia



Figura 4. El País, Espanha, e El Universal, Venezuela (06/11/2008).
 Figure 4. El País, Spain, and El Universal, Venezuela (06/11/2008).

Fonte: Newseum – www.newseum.org/todaysfrontpages/flash/



Figura 5. El Pais, Uruguai, e Correio Brasiliense, Brasil (06/11/2008).
 Figure 5. El Pais, Uruguay, and Correio Brasiliense, Brazil (06/11/2008).
 Fonte: Newseum – www.newseum.org/todaysfrontpages/flash/

própria as figuras geométricas) para a leitura e compreensão do acontecimento: características pessoais, contexto à época, referências históricas, eleição e projeção. As grades construídas, como parte da metodologia de análise, levaram-nos a identificar os vértices a partir das faces que os jornais ofertaram do Acontecimento Obama. Os cruzamentos entre elas apontaram ângulos onde o presente aciona o passado e o projeta no futuro, o que nos leva a pensar que o contrato que ali se desenha está mais próximo de uma descrição do jornalismo às margens da acontecimentalização.

Os termos negro ou afro-americano, por exemplo, foram acionados na identificação de Obama, em *características pessoais*, e na sua vitória, em *eleição*; ligaram-se a *referências históricas*, nas menções a personalidades e à questão racial norte-americana; e anunciaram um futuro diferente para o mundo, em *projeção*. Da categoria *contexto à época*, a crise econômica acionou *referências históricas*, como a Grande Depressão, projetando-se em meio aos desafios de Obama. Da mesma forma, as guerras no Iraque e Afeganistão integraram o *contexto à época*, evocando o passado quando o jornalismo faz referência a personalidades políticas como Kennedy, Reagan e Bush, e permanecendo como desafio em *projeção*. Também a face *eleição* foi atravessada pelas demais ao nomear como histórico o Acontecimento Obama.

O processo de compreender essas múltiplas faces em cadeia e essa temporalidade também múltipla – passado, presente e futuro – aponta para a constituição histórica e cultural do acontecimento, ou seja, “implica encontrar o jogo de forças e estratégias que, num dado momento, o formou e o fará funcionar como evidência, universalidade e necessidade” (Candiott, 2007). O jornalismo, ao dizer do acontecimento e de seus conjuntos singulares *de elementos, por meio de aproximações e atualizações de dizeres de outros campos e de outras temporalidades e em meio a regimes diferentes de poder-saber*, o transpõe à notícia. Isso porque o acontecimento não significa em si, ele acontece quando inserido em um discurso, em uma instância, como a jornalística.

Ao nos voltarmos para este elemento do presente que o jornalismo trata de reconhecer, de distinguir, de decifrar no meio de todos os outros para tentar decifrá-lo, nós, analistas, exercemos a crítica sobre as suas práticas e procedimentos, o modo que se dedica à tarefa de objetivação. O que é que no presente faz sentido para uma reflexão sobre as práticas jornalísticas? Na resposta que Kant tenta dar a essa interrogação, em relação à Filosofia, ele pretende mostrar de que forma esse elemento torna-se portador e signo de um processo que concerne ao pensamento, às práticas filosóficas; trata-se de mostrar em que e como aquele

que fala enquanto pensador, enquanto cientista, enquanto filósofo, ele mesmo faz parte desse processo e (mais que isso) como ele tem um papel a desempenhar, sendo, ao mesmo tempo, elemento e ator.

O Acontecimento Obama, em sua complexidade, nos possibilitou, de certa forma, compreender como o jornalismo produz relatos sobre o presente que nos cerca, numa via bem mais complexa do que a fórmula cristalizada pelo jornalismo. Esta primeira aproximação ao modo de objetivação jornalística reservado a grandes acontecimentos, que se encerra aqui, renuncia a inúmeros desdobramentos que poderão vir a nos dar um melhor entendimento das camadas de sedimentação destes discursos jornalísticos e da rede de discursos sociais que lhe deram consistência.

Referências

- BENJAMIN, W. 1996. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Walter Benjamin*, obras escolhidas. São Paulo, Editora Brasiliense, p. 197-221.
- CANDIOTTO, C. 2007. Verdade e diferença no pensamento de Michel Foucault. In: *Kriterion: Revista de Filosofia*, 48:1-15. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2007000100012&script=sci_arttext. Acesso em: 7 abr. 2009.
- ERIBON, D. 1990. *Michel Foucault: uma biografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 351 p.
- FOUCAULT, M. 2006a. Mesa redonda em 20 de maio de 1978. In: *Ditos e escritos IV*. Rio Janeiro, Forense Universitária, p. 335-351
- FOUCAULT, M. 2006b. É inútil revoltar-se. In: *Ditos e escritos V*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, p. 77-81.
- FOUCAULT, M. 1990 [1978]. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. *Bulletin de la Société française de philosophie*, 82(2):35-63. Disponível em: www.unb.br/fe/tef/filosoco/foucault/critique.html. Acesso em: 24/07/2008.
- FOUCAULT, M. 2007 [1984]. Qu'est-ce que les Lumières? *Magazine Littéraires*, p. 35-39. Disponível em: www.unb.br/fe/tef/filosoco/foucault/iluminismo.html. Acesso em: 24/07/2008.
- FOUCAULT, M. 2008. As reportagens de ideias. In: C. BERGER; B. MAROCCO. *Ilha do presidio. Uma reportagem de ideias*. Porto Alegre, Libretos, p. 50-51.
- KANT, I. 2008. Resposta à pergunta: Que é o Iluminismo. In: I. KANT, *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa, Edições 70, p. 9-18.
- KANT, I. 1985. Si el género humano se halla en progreso constante hacia mejor. In: I. KANT, *Filosofia de la Historia*. México, Fondo de Cultura Económica, p. 95-118.
- MOLINA, M. 2007. *Os melhores jornais do mundo: uma visão da imprensa internacional*. São Paulo, Globo, 675 p.
- SOUSA, J.P. 2002. Estereotipização e discurso fotojornalístico nos diários portugueses de referência: Os casos do Diário de Notícias e Público. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-estereotipizacao-discurso-fotojornalistico.html. Acesso em: 25/01/2009.
- VIDAL BENEYTO, J. 1986. El espacio publico de referencia dominante. In: G. IMBERT; J.V. BENEYTO (orgs.). *El País o la referencia dominante*. Barcelona, Editorial Mitre, p. 17-24.
- ZIZEK, S. 2008. Por qué los cínicos se equivocan. *Clarín*. 15 nov. Disponível em: www.revistaen.clarin.com/notas/2008/11/15/_-01802117.htm. Acesso em: 25/01/2009.

Submetido: 05/08/2012
Aceito: 11/08/2012